

DA AUTORA DE TODA A GENTE NESTA SALA UM DIA HÁ DE MORRER



factos
curiosos
acerca do
espaco

TOP
SEL
LER

EMILY AUSTIN

Para a minha mãe

Capítulo Um

«**A** adolescente foi brutalmente morta à machadada pela avó.»
Uma operadora de caixa está a registar as minhas compras. Eu estou de auscultadores. Estou a ouvir o meu *podcast* favorito sobre crimes reais. Leio os lábios da funcionária.

— Como está hoje? — pergunta ela, ao mesmo tempo que o apresentador do *podcast* diz: «O corpo da rapariga foi encontrado na cave da idosa.»

— Estou bem, obrigada. E você?

Uso a divisória para separar as minhas compras das compras do homem que está atrás de mim na fila. Não quero comprar as salsichas dele por acidente, ou pior... que ele acabe por levar os meus tampões.

O apresentador do *podcast* explica que o corpo da adolescente foi encontrado em decomposição num contentor *Rubbermaid* na cave da avó. Apesar do cadáver em decomposição, a avó continuou a usar a cave. Além de homicídio, um dos passatempos da mulher era fazer conservas. O corpo foi encontrado junto de pilhas de frutas em conserva e pickles de beterraba.

— Precisa de sacos? — pergunta a operadora de caixa.

— Não, obrigada, trouxe o meu.

Aponto para o meu saco.

O apresentador do *podcast* brinca, perguntando se alguma vez terá passado pela cabeça da avó fazer pickles com o cadáver. Eu rio-me com essa ideia grotesca, enquanto a operadora de caixa regista as minhas embalagens de mistura para bolo e *Midol*. Por vezes, há que brincar com coisas como pickles de adolescentes assassinados. É um mecanismo de sobrevivência. É uma forma de lidar com a escuridão.



— Com licença!

Um homem esbarra contra o meu ombro. O impacto inesperado faz com que os meus pertences me saltem das mãos. O meu telemóvel, as chaves, o cartão de crédito e o interior da minha carteira são projetados à minha frente. O homem, furioso, avança a toda a velocidade. Nem sequer olha para trás.

Uma Boa Samaritana ajoelha-se para me ajudar a apanhar as coisas.

— Obrigada — agradeço.

— De nada. Porque é que aquele homem a empurrou?

— Não sei bem.

Ela levanta-se.

— Deve ter problemas de controlo de raiva.

Assinto com a cabeça.

— Provavelmente tem um parasita.

— O quê?

— Nada. Mais uma vez, obrigada.



Nasci surda de um ouvido. Por vezes, sinto-me satisfeita por isso. Consigo facilmente desligar-me de pessoas aborrecidas. Durmo melhor.

Incomodo-me menos com sons irritantes. No entanto, demorei mais tempo a aprender a falar do que a maior parte das pessoas. Não ouvia tão bem como os outros bebés. Nem sempre respondo quando me dirigem a palavra do meu lado mau. Quando um estranho me diz «Com licença» enquanto tenta passar por mim, muitas vezes não reparo. Sei isso porque, com frequência, a situação complica-se. As pessoas gritam «*Com licença!*» como se eu fosse mal-educada por não as ter ouvido da primeira vez.



Quando aprendi a falar, a primeira palavra que disse foi «mamã». Se bem que foi a minha mãe quem mo disse, por isso é possível que ela tenha alterado o registo. Não me chocaria saber que as minhas primeiras palavras foram menos emocionantes. Talvez eu tenha dito algo sem sentido, como «relva», ou algo embaraçoso, como «rabos». Não me admirava nada que a minha mãe me tivesse poupado à verdade, se fosse esse o caso. Dito isto, tenho a certeza de que «mamã» foi uma das primeiras palavras que articulei.



A minha caixa de tampões está a espreitar do saco como um pervertido a espreitar pelo parapeito de uma janela. Quando saio da loja, tento posicionar estrategicamente o braço para esconder a caixa e evitar que estranhos saibam em que fase do ciclo menstrual estou.

Aumento o volume do meu *podcast*.

«O conteúdo do estômago da adolescente revelou que ela tinha comido pêssegos duas horas antes da sua morte. A autópsia também mostrou que ela...» Há uma pausa para dar ênfase. «...estava grávida de dois meses.»

Sinto uma dor aguda no fundo das costas. Com a mão, vasculho o saco para tentar encontrar o *Midol* que acabei de comprar. Enquanto procuro, a porta automática atrás de mim abre-se. Um jato de ar condicionado refresca-me as costas. Olho para o cliente que está a sair. É um homem que carrega um pacote de quarenta rolos de papel higiénico acima da cabeça como se fosse um troféu. A sua t-shirt apresenta manchas de suor nas axilas, e consigo distinguir a forma de um preservativo no bolso.

Discretamente, engulo em seco um comprimido enquanto ouço o apresentador do *podcast* dizer: «Depressa se descobriu que a rapariga andava com um homem mais velho chamado Jerry Nit. Jerry, um homem careca com cerca de 40 anos...»

Arranco os auscultadores e imediatamente pesquiso «notícias sobre o espaço» no Google.

Os clarões no Sol podem ajudar-nos a prever erupções solares. As erupções solares podem afetar a Terra. Podem perturbar as comunicações via rádio e provocar apagões elétricos.



— Estou a falar com a Enid? — pergunta uma mulher do outro lado da chamada.

Não sei dizer se está um calor abrasador, se estou a ter afrontamentos induzidos pelo período ou se me enganei no caminho e descii acidentalmente para o inferno. Doem-me as costas. Estou a transportar as compras para casa. Tenho a camisa colada ao corpo molhado como se fosse *papier mâché*. Saltei o episódio anterior do *podcast* e estou agora a ouvir o seguinte. Este novo episódio é sobre um canibal. O apresentador estava a explicar como é que o homem temperava a carne humana (tomilho e alecrim), quando a história foi interrompida pelo toque do meu telemóvel.

— Sim?

Esforço-me por levar o telemóvel ao ouvido bom. O meu saco de compras comprime-me o ombro. O suor faz-me arder os olhos.

— Andas a comer a Joan? — ruge a voz da mulher.

Paro de caminhar. Um ciclista com um fato de licra roxo de corpo inteiro desvia-se de mim. Toca a sua campainha enquanto pedala furiosamente em frente.

— É a namorada da Joan? — pergunto.

Não fazia ideia de que a Joan tinha namorada.

— Não — responde ela. Respiro fundo, aliviada. — Sou a mulher dela.



A alça do meu saco de compras escorrega-me do ombro e desliza-me pelo braço. Tento agarrá-la, mas a caixa de tampões cai. Depois de fazer um duplo mortal para trás, a caixa aterra de cabeça para baixo no tapete cor de malva que reveste o patamar do meu prédio, como se tivesse acabado de fazer a espargata.

Antes que eu possa recuperar a caixa, uma porta no patamar abre-se. A luz do interior do apartamento projeta um bloco amarelo sobre o tapete. Ouço um tilintar de chaves e um homem a suspirar. Alguém novo acabou de se mudar para aquele apartamento. Preparo-me para o cumprimentar. Posiciono o rosto, pronta para esboçar um sorriso ao vê-lo. Vejo a sua sombra sobrepor-se ao bloco no tapete antes de o interruptor ser acionado, o brilho desaparecer e um homem alto, com as chaves penduradas nos dentes, atravessar a soleira.

O homem é careca.

Cheira-me a fumo. Estarei a sufocar? O topo da cabeça dele resplandece à luz do patamar. O seu couro cabeludo é tão brilhante que parece estar prestes a pegar fogo.

Mais compras caem do meu saco. *Tostitos*. Açúcar em pó.

Os nossos olhos cruzam-se. As peras Bosc rolam, desalinhadas como pinos de *bowling*, pelo tapete. O homem olha para a avalanche de compras que cai à minha volta. Eu olho para ele, paralisada, como a encosta de uma montanha num deslizamento de terras.

Cheira-me a queimado.

— Precisa de ajuda? — pergunta ele.

Sinto o estômago a fraquejar.

— Não — respondo. — Não — repito até ele se ir embora.



O corante alimentar vermelho penetra na massa amarela do bolo. Mexo até que a massa se transforme num rosa-pálido discreto. Estou a fazer um bolo de revelação do sexo do bebé, apesar de saber que essa prática é profundamente ofensiva. Envolve tingir o interior de um bolo de cor-de-rosa ou azul, para que a grávida ao cortá-lo descubra o sexo do seu rebento. Estou a fazê-lo porque uma das minhas meias-irmãs está grávida e mo pediu. Foi-me proposto como uma espécie de ramo de oliveira. Pensei explicar-lhe a razão pela qual preferia não o fazer, bem como a razão pela qual recomendaria não celebrar inteiramente os genitais de uma criança, mas eu e as minhas irmãs mal nos conhecemos e, infelizmente, descobri uma nova falha de carácter a acrescentar à minha já longa lista de defeitos: sou capaz de sacrificar os meus valores para agradar às minhas irmãs afastadas.

Quero que elas gostem de mim. Sinto-me como um cão vadio, rejeitado pelo nosso pai, a tentar ser aceite na sua nova ninhada de cachorros. Não quero que elas pensem que sou um rafeiro pulguento, ou um coioote disfarçado de cão doméstico. Sou um *golden retriever* puro, tal como elas. Quero que elas pensem que sou um cão limpo, normal e sem pulgas. Quero provar que o nosso pai estava errado. Sou uma boa rapariga.

Há qualquer coisa de animalesco nisso. Sinto uma vontade biológica bizarra de me aproximar delas porque são minhas irmãs. Talvez haja algum benefício evolutivo nisso. Talvez um dia eu possa precisar dos rins ou da medula óssea delas. A parte primitiva do meu cérebro quer que eu tenha uma relação com elas porque somos do mesmo sangue. É suposto eu fazer parte daquela matilha.

Acho que elas também devem sentir esse impulso biológico. Deve ser por isso que continuam a convidar-me para eventos. Subconscientemente, elas querem a minha medula óssea.

Abandono repetidamente a cozinha para me certificar de que a porta está trancada e para espreitar pelo óculo. Assento uma mão de cada lado do óculo antes de espreitar. Há marcas de mãos vermelhas na porta. Cada vez que as vejo, assusto-me. Penso: *Serão as minhas mãos ensanguentadas? Serei um fantasma? Será que o meu vizinho me matou há pouco? Estarei presa aqui, a reviver a minha tentativa de fuga para a eternidade?* Depois lembro-me de que estou a fazer um bolo e volto a correr para o forno para o ver crescer.



A minha mãe ensinou-me a vigiar o forno. Ela fica ao lado da comida enquanto cozinha. Tem um banco onde se senta na cozinha. «É importante», diz ela, «vigiar o forno ligado». Também diz que, para ela, é como assistir a um espetáculo. Gosta de ver os biscoitos a crescer, a manteiga a derreter e as bordas dos legumes a escurecer. Acende a luz do forno, olha pelo vidro da porta e vê a comida ficar castanha e assobiar.



Tentei usar um temporizador de forno pouco depois de sair de casa para ir para a faculdade. Não o ouvi disparar. Pensava que iria ouvi-lo.

Em casa da minha mãe, ouvia sempre o temporizador. Acho que ela deve ter comprado um temporizador especial a pensar na minha audição. Tinha um som mais grave do que a maioria dos temporizadores. Nem sempre consigo ouvir sons agudos. Quando se tem surdez unilateral, os sons de alta frequência não se curvam como deveriam. Estava a cozinhar uma piza congelada. O alarme de incêndio disparou. Primeiro, pensei: *Será o temporizador do forno?* Desatei a correr até à cozinha cheia de fumo, enquanto o alarme guinchava, onde descobri os trágicos restos de uma piza tão gravemente queimada que poderia ter sido confundida com uma bolacha de chocolate gigante.



Esta manhã, dei lustro a uma travessa de vidro para a usar como suporte onde barrar o bolo. Pousei-a em cima da bancada antes de ir à mercearia. Enquanto guardava as compras, reparei que parecia ter-se deslocado ligeiramente. Parecia ter-se deslocado desde a manhã, um centímetro ou dois para a direita.

Estou a examiná-la agora. Levanto-a acima do rosto, em frente ao candeeiro que pende do teto da cozinha. É uma travessa transparente com pequenas gravuras de uvas e videiras. Parece suja outra vez, de alguma forma. Quase como se alguém lhe tivesse tocado. Há pequenas marcas, talvez impressões digitais, por todo o lado. Isto é desconcertante, porque vivo sozinha e, como disse, limpei-a bem esta manhã.

Tiro o telemóvel do bolso de trás e abro o meu e-mail. Se calhar o meu senhorio veio cá e tocou-lhe. Só vivo neste apartamento há um ano, mas o senhorio já passou por cá pelo menos catorze vezes. Nunca avisou com a devida antecedência.

Vejo que tenho um e-mail dele.

Cara residente,

Este é um lembrete de que não são permitidos quaisquer animais de estimação nas instalações. Isto inclui pequenos animais de estimação, tais como peixes, hámsteres ou pássaros.

Com os melhores cumprimentos,
Peter

Reviro os olhos. Eu não tenho um animal de estimação; no entanto, tenho a sensação de que o Peter acredita que lhe menti sobre isso. Envia-me frequentes lembretes contra os animais de estimação como este. Respondo sempre: «Não tenho animais de estimação, Peter.» Ainda assim, nada do que lhe digo faz com que ele desista.

Talvez ele tenha estado hoje aqui, à procura de um pássaro ilegal, e tenha tocado na minha travessa de vidro.



— Por favor, depressa, entre.

Abro a porta de casa à Polly, a mulher da rapariga com quem tenho andado a sair. Quero que ela entre depressa para não voltar a ver o meu vizinho careca.

— Quer um copo de água?

Olho para ela por cima do ombro, enquanto a encaminho para dentro.

Há pouco, ao telefone, ela perguntou-me se podíamos falar pessoalmente.

«Sim, claro», respondi-lhe, e dei-lhe a minha morada.

Enquanto fazia o bolo que celebrava os genitais de um bebé, refleti sobre se teria sido uma decisão acertada. Conhecer a mulher da pessoa com quem andamos é quase como marcar encontros online;

é melhor conhecê-la pessoalmente num local público. No entanto, eu marco muitos encontros online e raramente me encontro em locais públicos. Esse protocolo de segurança aplica-se mais às mulheres heterossexuais. Uma das vantagens de ser lésbica é que é menos crítico para mim verificar se a pessoa com quem vou sair me vai matar. Tenho tendência a recear que seja eu a pessoa da equação com quem os outros devem ser cautelosos. Tenho dado a minha morada a mulheres desconhecidas a torto e a direito. Nem pensei duas vezes se deveria ter sugerido um café, um banco de jardim ou o parque de estacionamento da esquadra da polícia à Polly.

Ela tem o rosto corado. E gotas de suor na testa e no lábio superior.

Ignora-me. Os seus olhos percorrem a casa. Entra com cuidado, como um gato recém-adotado. Olha para o bolo cor-de-rosa, sem cobertura, pousado na bancada, e para a louça suja empilhada no lava-louça.

Normalmente, arrumo tudo antes de receber visitas. Lavo a louça, limpo a casa de banho, faço a cama e, se o tempo o permitir, até ponho perfume. Muitas vezes, chego ao ponto de separar livros que acho que transmitem uma boa imagem de mim, ou de pôr em pausa um programa predefinido na televisão. Recebo o meu convidado no interior, agindo como se estivesse apenas a ler ou a assistir a um programa casualmente, e não como se tudo tivesse sido encenado.

Neste caso, achei que seria mais educado não fazer nada disso. Ponderadamente, optei por vestir uma camisola suja e manter a casa desarrumada. Deixei as marcas vermelhas das mãos na porta e os pratos que usei no lava-louça. Não pus desodorizante nem penteiei o cabelo. Num esforço para suavizar o golpe da infidelidade da mulher, estou a oferecer-lhe consolo no facto de, pelo menos, eu ser uma desmazelada nojenta.

Fecho o ferrolho e espreito pelo óculo.

Quando me viro, vejo-a inclinar a cabeça, confusa.

Apercebo-me de que pode ter sido estranho da minha parte trancá-la dentro do meu apartamento imundo e depois olhar pelo óculo. É assim que os assassinos se comportam depois de atraírem as vítimas para dentro de casa.

Numa tentativa de não parecer tanto uma assassina, digo:

— É um prazer conhecê-la.

Ela franze as sobrancelhas e não responde.

O seu silêncio diz-me que provavelmente não é muito agradável conhecer a pessoa com quem a nossa mulher nos anda a trair.

— Peço desculpa — decido acrescentar. — Ela fecha os olhos. — Não sabia que a Joan era casada...

— Há quanto tempo é que isto está a acontecer? — interrompe ela.

— Não tenho a certeza — respondo. — Deixe-me ver.

Abro o telemóvel. Percorro as minhas mensagens de texto com a Joan para descobrir quando começámos a falar. Eu e a Polly ficamos em silêncio enquanto leio as mensagens.

— Um mês — anuncio, quando finalmente chego ao topo das nossas mensagens.

Olho para a cara dela para ver se são boas ou más notícias. Um mês é muito pouco, parece-me. Não é como se estivesse a acontecer há anos. Um mês não é nada, na verdade. É um instante.

Ela esconde a cara nas mãos. Os ombros tremem-lhe.

Talvez ela tenha feito anos este mês. Talvez seja o aniversário de casamento delas.

— Tem a certeza de que não quer água? — pergunto.

Ela não responde. Chora silenciosamente nas palmas das mãos.

— Sinto-me muito mal com isto — digo, com um nó na garganta. Sinto algo a contorcer-se no meu estômago.

— A culpa não é sua — replica ela, destapando o rosto. — Nós já somos infelizes há algum tempo. — As marcas de rímel escorrem-lhe pelas bochechas. — Tivemos um ano difícil. O pai da Joan morreu

há quatro meses. Há uma fenda nos alicerces da nossa casa que não temos dinheiro para arranjar. Acho que sou capaz de ter esclerose múltipla...

Não sei o que dizer.

Ela expira ruidosamente e olha-me nos olhos.

Não desvio o olhar. Ela e eu olhamos fixamente para as pupilas uma da outra durante mais tempo do que seria confortável. As íris dela são da mesma cor de Marte, castanho-ferrugem e injetadas de sangue. Tem as pestanas cheias de rímel molhado.

Este momento é muito íntimo. Nenhuma de nós está a falar. Olho para as marcas do rímel dela e penso nas linhas de declive que se formam em Marte quando está quente e há deslizamentos de terra. Já pestanejámos mais de uma vez e continuamos a olhar uma para a outra. A pestanejar.

Devo dizer alguma coisa?

Ela está a respirar de forma pesada, como se não conseguisse recuperar o fôlego.

O que devo dizer?

Devo contar-lhe sobre as linhas de declive recorrentes em Marte?

O seu peito está a subir e a descer. Vejo as lágrimas a acumularem-se e a rolarem pelas suas pestanas antes de lhe escorrerem pelas faces e lembro-me de ver a chuva a deslizar pelos vidros, quando era miúda, no banco de trás da carrinha da minha mãe.

— Não gosto assim tanto da Joan — informo. — Se é que isso serve de consolo. Tenho andado a sair com outras pessoas.

— A sério? — diz ela, com a voz a ceder.

— Sim. Ainda ontem à noite fui sair com outra pessoa. Tenho umas dez aplicações de encontros no telemóvel. Olhe.

Abro o telemóvel para lhe mostrar.

Ela olha, grunhe e depois exala alto. As suas lágrimas tristes convertem-se em gritos de riso. E desata a rir-se. Agarra-se ao meu ombro para se equilibrar enquanto atira a cabeça para trás, a gargalhar.

Não sei bem o que fazer.

Também me rio, não porque ache graça, mas porque a quebra de tensão é um alívio tão grande que o riso sai de mim como o vapor de uma chaleira quente.



Eu e a Polly estamos sentadas no chão da minha cozinha a beber latas de cerveja artesanal nojenta e com sabor a flores. Uma mulher que me visitou na semana passada deixou-as no frigorífico. Estou a levar a lata aos lábios e a pensar na gravidade. Neste momento, há uma força invisível que obriga este líquido a cair na minha boca. Puxa os planetas em direção ao Sol e a Lua para a órbita da Terra. É o que me mantém a mim e à Polly nesta tijoleira agora mesmo. Provoca as marés oceânicas. E não afeta apenas a massa. Atrai a luz.

— A minha primeira namorada traiu-me — diz ela. — Acabei logo com ela. Lembro-me de estar à sua porta, a gritar que não merecia aquilo. Sentia-me tão furiosa. Fiquei arrasada, mas foi isso que me motivou a romper todo o contacto com ela e a defender-me. Sentia-me tão zangada. — Suspira. — Acho que não tenho energia para isto. Tenho 37 anos. Já me sentia emocionalmente esgotada antes disto. Não me parece que tenha a capacidade de me sentir arrebatada. E acabar com a Joan não é apenas emocionalmente desgastante. Temos as prestações do carro... Percebe o que quero dizer? Temos uma casa juntas. E eu detesto mudar-me. Como é que vou conhecer alguém novo? Metade do tempo estou demasiado cansada para ir às compras. Não consigo arranjar uma namorada nova. Agora tenho de viver sozinha? Acho que não consigo viver sozinha. Sentir-me-ia tão só. Parece que as minhas opções são aceitar o facto de isto ter acontecido e continuar nesta relação triste, ou sair dela e ficar triste sozinha. Tenho uma sensação de mal-estar e de vazio no estômago. — Ela está a olhar para o teto. — Eu contava

à Joan todos os pensamentos fugazes que tinha — continua. — Ela conhecia todas as pequenas partes da minha vida. Dizia-lhe se tropeçava a caminho do trabalho. Dizia-lhe o que comia quando ela não estava por perto. E ela tinha uma relação completa nas minhas costas. Sinto-me como se nunca a tivesse conhecido. Ela sabia qual a marca de iogurte que me devia comprar, percebe o que quero dizer? É como se todo o meu mundo tivesse sido construído sobre uma falha geológica.

Observo-a como uma *voyeur*, como se estivesse a observá-la a fazer algo privado através das cortinas. Sinto-me como se estivesse a vê-la despir-se ou a ir à casa de banho. Sinto-me como se não devesse estar ver isto.

— Alguma vez foi traída?

Ela vira-se para o lado.

— N-não — respondo, dando um gole na minha cerveja nojenta. — Mas eu... hum... nunca namorei com ninguém em exclusivo.

Desvio o olhar para não ver a sua reação. Tenho 26 anos e nunca estive numa relação exclusiva. Não costumo revelar esse tipo de informação pessoal às pessoas, muito menos a estranhos, mas a Polly tem estado a vomitar as suas entranhas, por isso sinto que lhe devo alguma coisa.

Dou outro gole.

— Mas o meu pai traiu a minha mãe. Eu era filha única. Ele começou uma nova família. Acabou por ter mais duas filhas. Essa é provavelmente a experiência mais parecida com esta que tive. Acha que pode ser parecido?

— Não sei — responde. — Depende. Como se sente em relação a isso?

Abro a boca. Não sei o que dizer. Detenho-me por instantes, mantendo os lábios separados, como uma porta, à espera de que surjam palavras inesperadas.

Nenhuma se materializa.

— Não sabe como se sente? — pergunta-me.

Olho de relance para ela.

— Acho que, sobretudo, me sinto mal pela minha mãe.



A Polly está a maquilhar-me. Deixei de usar maquilhagem há vários anos, mas ela perguntou-me se podia maquilhar-me. Senti que tinha de dizer que sim por ter tido sexo com a parceira dela e ter-lhe estragado a vida.

Acho que ela é capaz de estar bêbeda. Ela só bebeu duas cervejas, mas parece desequilibrada e corada. Está sempre a reprimir os soluços.

Tenho os olhos fechados. Sinto os pincéis de maquilhagem a passarem-me pelas pálpebras e os dedos leves da Polly a tocarem-me no maxilar. A maquilhagem que ela está a usar cheira a talco e a rosas.

— Tens uma pele bonita — diz ela, enquanto passa um produto líquido nas minhas bochechas.

— Obrigada — respondo. — Dantes tinha acne. Tomava comprimidos para o tratar.

— Nem dá para perceber — diz ela. — A minha pele é terrível. Tenho rugas.

— És mais velha do que eu — digo, tentando consolá-la, referindo que faz sentido que ela tenha algumas rugas. Assim que as palavras me saem da boca, gostava de poder retirá-las. Soaram-me mal. — Quero dizer... — tento recuar. — Tenho a certeza de que, quando tiver a tua idade, terei rugas piores do que as tuas. Tenho a certeza de que aos 26 anos tinhas uma pele melhor do que a minha. Era só isso que eu queria dizer. — Hesito. — Tens uma pele bonita — afirmo.

Penso dizer-lhe que o meu planeta preferido é Mercúrio. É o que tem mais crateras. Decido não o fazer. Talvez parecesse indelicado.

— Reparei que tinhas uma pele bonita quando entraste — acrescento. — Tens uma pele muito bonita, a sério. Também tens um cabelo bonito. És muito bonita, a sério...

Sinto a boca dela tocar na minha. Eu tinha os olhos fechados, por isso não estava preparada. Não vacilo, mas assusto-me. Abro os olhos e vejo-a beijar-me, confusa.



No duche, passo sabão nas costas da Polly. Acho que ela está a chorar, mas é difícil perceber com a água a correr. Ela sugeriu que tomássemos duche juntas. Pensei que seria uma espécie de duche sexual, alimentado por vingança, mas em vez disso ela está sentada, abraçada aos joelhos, e eu estou a lavar-lhe as costas como a enfermeira carinhosa de um paciente geriátrico cansado.

Passo champô e condicionador no meu cabelo, e depois no da Polly. Enxaguo os caracóis dela e livro-me do excesso de água. Penso depilar as pernas, mas receio que o precedente criado possa exigir que eu também depile as dela, e não me sinto qualificada, ou disposta, para tal. Em vez disso, fico atrás dela, como um mirone a observar uma desconhecida vulnerável e nua durante tanto tempo que a minha pele começa a ficar enrugada. Lembro-me de um episódio do *podcast* que ouvi recentemente e que mencionava que a carne humana morta se transformava em papa depois de ser deixada durante muito tempo num duche.

Quando finalmente saímos da casa de banho cheia de vapor, entrego duas toalhas à Polly. Apenas três das minhas toalhas estão limpas. As restantes estão sujas no cesto da roupa. Normalmente uso duas: uma para o cabelo e outra para o corpo. Decidi ser uma boa anfitriã, e amante, e dar-lhe a minha toalha do cabelo. Enrolo a toalha que resta à volta do tronco e deixo o cabelo molhado escorrer pelas costas.

Sinto uma corrente de ar quando saímos da casa de banho. Limpo a água da testa com o antebraço e dou uma vista de olhos pela casa. Reparo que a janela do meu quarto está aberta. As cortinas estão a balançar.

— Abriste isto? — pergunto, prendendo a toalha com mais força ao meu corpo. Sei que eu não a abri.

— Não, nem sequer estive aí dentro — responde ela, enrolando a toalha na cabeça.

Fico a olhar para as cortinas que se aproximam e se afastam da janela, como pulmões a inspirar e a expirar.

Quem é que abriu aquilo?

Capítulo Dois

Dou um murro nas cortinas. Preparo-me para atingir um intruso atrás do tecido, encostado à parede. Não vejo ninguém. Fecho a janela. Um canto da minha toalha prende-se no sítio onde o vidro se encontra com o peitoril. Puxo até a janela soltar a toalha de felpo. Ponho-me de joelhos e inspeciono debaixo da cama. Preparo-me mentalmente para me confrontar com um rosto a olhar para mim, mas em vez disso não encontro nada a não ser uma garrafa de *Gatorade* meio vazia, uma t-shirt gráfica que julgava ter perdido, rolos nojentos de algodão e cabelo e um preservativo.

Mas que raio? Porque é que está aqui um preservativo? Pego nele.

Não é nada. É só um chupa-chupa. Não tinha visto o pau.

A Polly está a procurar comigo.

— Achas mesmo que alguém entrou aqui? — pergunta ela.

— Talvez não, mas porquê arriscar?

Arranco o invólucro do chupa-chupa velho e meto-o na boca. É de limão.

A Polly tem a porta do armário aberta. Está a remexer lá dentro, à procura de um intruso entre as minhas camisas e camisolas.

— Fazes tricô? — pergunta ela.

— Não, a minha mãe é que faz.

Olho de relance pela casa, à espera de ver um abajur em cima de um homem rígido e imóvel, como disfarce.

— Foi ela que te fez estas camisolas todas? Uau. Esta tem um pequeno sistema solar tricotado! Adoro-a. Foi ela que as fez todas...

Mando-a calar.

Ficamos em silêncio enquanto eu mantenho o dedo indicador diante dos lábios. Ponho a outra mão à volta do meu ouvido bom, procurando ouvir algum ruído ou respiração. Não ouço nada a não ser o zumbido do frigorífico.

Após cerca de oitenta segundos de silêncio, a Polly sussurra:

— Tenho de ir.



As gotas frias do meu cabelo molhado encharcam os ombros da t-shirt. Estremeço. O ar lá fora está fresco. Estamos no final de agosto e o Sol está a pôr-se. O céu está cor de laranja e ainda não há estrelas visíveis, apenas Vénus e a Lua.

Eu e a Polly estamos a despedir-nos no passeio. Ela abraça-me. Só quando estamos abraçadas há algum tempo é que reparo que tenho os braços pendurados ao lado do corpo. Levanto-os rapidamente para retribuir o abraço. Quando nos soltamos, ela olha-me nos olhos. Concentro-me nas luzes da rua refletidas nas suas íris, em vez de olhar verdadeiramente para ela, enquanto me diz «Obrigada», num tom tão sincero que quase me faz estremecer.

À medida que ela se afasta, sento-me no degrau de cimento à frente do prédio. Coloco os auscultadores. Ponho sempre os dois auscultadores, apesar de não ouvir de um lado. Os auscultadores têm mais de um propósito. Não os uso apenas para ouvir o *podcast* sobre homicídios. Também os uso para evitar que as pessoas falem comigo. Ter apenas um auscultador no ouvido indica que estou aberta a conversas de circunstância ou a que me toquem no ombro. Não estou, por isso ponho os dois.

Carrego no botão de reprodução do episódio seguinte. Sinto todos os meus músculos descontraírem-se. Nada me tranquiliza mais do que ouvir alguém falar calmamente sobre homicídios. Não gritam, choram ou vomitam enquanto descrevem os piores horrores de que os humanos são capazes. Em vez disso, dizem: «O Ralph decapitou a mulher, e este episódio é patrocinado pela *Good Lunch*, uma caixa de entrega semanal de ingredientes pré-selecionados para tornar os seus almoços mais saborosos.» Isso faz-me sentir segura, como se não houvesse razão para entrar em pânico. É certo que as mulheres são decapitadas por homens que juraram amá-las para sempre, mas podemos continuar a planear comer salmão do Atlântico com arroz basmati na próxima semana.

Este episódio é o primeiro de uma série sobre o Ted Bundy. Já conheço bem o Ted, mas não me importo de ouvir a mesma história vezes sem conta. Na verdade, até prefiro. Gosto de saber o que acontece. Sinto que tenho mais controlo sobre isso. Enquanto o apresentador me volta a apresentar o Ted, copio um bloco de texto que tenho guardado na minha aplicação de notas e envio-o por SMS à Joan.

Olá, isto não tem nada que ver contigo, mas preciso de espaço, por isso não estou interessada em namorar. Desculpa se te soa estranho, ou se vem do nada, só queria que soubesses. Mais uma vez, não tem nada que ver contigo. Gosto muito de ti e adorava continuar a ser tua amiga, se quiseres.

Quase de imediato, ela responde:

OK.

Leio a mensagem duas vezes antes de me levantar e guardar o telemóvel no bolso de trás. Dirijo-me à porta de entrada do prédio, abro-a e suspiro.

Inesperadamente, deparo com uma mulher e o filho de pé na ombreira da porta. A mulher está a agarrar a maçaneta à qual eu cheguei primeiro. Depois de me recompor, abro-lhes a porta. Sorrio quando eles saem, atrapalhados.

Detesto apanhar um susto. Prefiro formas controladas de medo. Gosto dos meus *podcasts*, de filmes de terror e de histórias de fantasmas que posso pausar e rebobinar. Lido com o medo como se fosse um cavalo de guerra. Consigo entrar corajosamente numa batalha planeada, ver bombas e cadáveres, mas continuo a assustar-me com um rato de celeiro inesperado.



— Há uma grande mancha vermelha em Júpiter — digo à minha mãe.

Estamos ao telemóvel. Há cerca de cinco minutos, recebi uma notificação a lembrar-me de que amanhã é a festa da minha meia-irmã. Tenho tendência para ligar à minha mãe quando me lembro das minhas irmãs. Sinto-me culpada por interagir com elas. Considero a existência delas uma grande mancha vermelha na vida da minha mãe.

— É uma tempestade enorme — explico. — É um vórtice suficientemente grande para engolir a Terra. Tem estado a assolar a Terra há séculos. Há registos de que foi vista há mais de trezentos e cinquenta anos. Na Terra, os furacões abrandam quando atingem terra firme, mas não há superfície sólida em Júpiter.

— Não há? De que é que Júpiter é feito?

— Principalmente hidrogénio e hélio. É uma nuvem.

— Então a mancha é permanente?

— Isso é difícil de dizer. Encolhe e cresce. Às vezes muda de cor. Fica intensamente vermelha. Talvez desapareça um dia, mas sim. Pode durar tanto quanto o planeta.

— Fascinante — comenta ela. — O espaço é tão interessante, não é?

— Sim — respondo, enquanto ignoro outra notificação sobre a festa de amanhã. — Sabias que a luz viaja a 299 792 quilómetros por segundo?

— A sério?

— Sim. A Lua fica a 384 400 quilómetros de distância, por isso a luz demora 1,3 segundos a viajar dela até nós. Isso significa que quando olhamos para a Lua, não a vemos como ela é. Vemo-la como era há 1,3 segundos.

— Caramba, isso é giro, não é?

— Por causa da distância a que o Sol está, vemo-lo como ele era há oito minutos. Dependendo da órbita, vemos Marte como era há três minutos, ou vinte, quando está mais longe. Saturno fica a uma hora. A nossa estrela mais próxima fica a quatro anos. A galáxia de Andrómeda fica a 2,5 milhões de anos.

— Uau — diz ela. — É difícil de entender, não é?

— É possível que alguma força vital a anos-luz de distância esteja a observar-nos agora, mas a ver-nos no passado. Ou podem ver-nos agora no futuro, daqui a milhões de anos, dependendo de onde estão e da sua tecnologia.

— Vamos acenar?

— Eles não devem conseguir ver-nos acenar — digo. — Porque estamos dentro de casa. Estás dentro de casa?

— Sim, estou dentro de casa, e isso é um alívio. Então, é seguro dizer que ninguém pode estar a observar-nos quando estamos dentro de casa?

Olho para a minha janela.

— Enid?

— Sim?

— Que mais sabes sobre o espaço?

Pigarreio.

— Bem, o espaço é a nossa ligação ao passado, como o podíamos ver. Se pudéssemos viajar mais depressa do que a luz, e se a Terra emitisse luz suficiente, e se tivéssemos algum telescópio inovador, seria assim que poderíamos ver o nosso passado. Poderíamos olhar para trás e ver os dinossauros. Poderíamos assistir à queda do meteoro.

— Uau, isso é incrível. Mas eu acho que preferia ver quando tu eras uma menina. Preferia não assistir à morte dos dinossauros.



A calma reconfortante do meu *podcast* sobre homicídios está a dar-me sono. Estou deitada de lado, com os joelhos encostados ao peito, a ouvir a conhecida história do Ted Bundy. Sinto-me a entrar e sair do sono. Sonho com a minha mãe a ler-me uma história antes de dormir.

Numa sala muito verde havia um telefone. E um balão vermelho. E uma fotografia do Ted Bundy com a sua monocelha. Havia três ursinhos sentados em cadeiras e pelo menos vinte vítimas. E uma casinha de brincar, e um ratinho jovem, e um pente e uma escova e um cadáver feito de papas. E um homem careca a sussurrar «Chiu!». Boa noite, Lua. Boa noite, túmulo.



Tenho pesadelos frequentes. Tem sido um problema constante desde que era criança. Uma vez, sonhei que o Sol explodia. Vi-o encher o céu, ficar vermelho e ferver os oceanos. Tinha uma Barbie nas mãos e vi o rosto dela derreter. Acordei em lágrimas, fora de mim. Em vez de gritar «mãe!» ou correr para o quarto dela, tapei a cabeça com os cobertores e enfiei o rosto nos travesseiros para que ela não me ouvisse chorar.



— Quando o Sol explodir — digo à minha mãe ao telefone, pela manhã —, a Terra vai demorar oito minutos a saber. Por causa do que eu disse ontem à noite sobre o espaço e o tempo.

Telefonei-lhe novamente. Acordei com outra notificação sobre a festa da minha meia-irmã.

— Quando é que isso vai acontecer? — pergunta ela.

— Daqui a cerca de cinco a sete milhões de anos.

Estou a fazer café na máquina.

— Já tomaste café? — pergunto.

— Não, acho que acabou o café em grão.

— Foste às compras?

— Não, apanhaste-me numa má altura.

Não respondo. Observo as gotas de café encherem gradualmente a cafeteira à minha frente.

— O que acontecerá com a Terra quando o Sol morrer? — pergunta ela.

A máquina de café sibila.

— É difícil de saber. Irá consumir Vénus e Mercúrio. A Terra transformar-se-á provavelmente numa rocha sem vida. Mas não te preocupes com isso. A Humanidade vai desaparecer antes de isso acontecer. A esperança de vida típica dos mamíferos de grande porte é de alguns milhões de anos.

— A sério? Credo. Há quantos anos existe o Homem?

— Trezentos mil, acho eu.

Ela expira.

— Ufa! Então, ainda falta um bom bocado, não é?

Despejo natas na minha chávena e respondo «ahã», embora duvide que o Homem viva um milhão de anos. Assisto enquanto as natas rodo-piam no café e criam uma forma semelhante à Galáxia do Catavento.



Barro o bolo que fiz com creme de manteiga. Tinha-o no congelador. Li que é mais fácil barrá-lo assim; no entanto, as migalhas estão a misturar-se com o creme e a formar grumos que fazem lembrar

acne quístico. Enquanto passo a faca pelo bolo, o apresentador do *podcast* explica que o Ted Bundy fingia que tinha um braço partido para atrair mulheres inocentes até ao seu carro. Pedia-lhes ajuda, elas aceitavam, e depois violava-as e assassinava-as. O apresentador descreve o Ted como sendo atraente. É como costumam descrevê-lo. Mas eu descobri que isso não é verdade. Ouvei dizer que as suas vítimas muitas vezes o achavam assustador. Ainda assim, ajudavam-no, por causa do braço partido, e porque as mulheres são treinadas para serem educadas com os homens, mesmo que os homens sejam feios e as façam sentir-se desconfortáveis.

Nalgumas fotografias, o Ted ficou relativamente bonito, acho eu. Noutras, parece estranho. Não consigo dizer se era feio. Sei que não me sentiria atraída por ele, mas isso acontece em relação a todos os homens, exceto algumas celebridades muito específicas e algumas personagens masculinas de livros escritos por mulheres.

Não sei porque é que assumimos que é menos provável que as pessoas atraentes sejam assassinas. Na minha opinião, as pessoas bem-parecidas são mais propensas a serem depravadas.

Espremo com esforço o creme verde do tubo. Escrevo «MENINO OU MENINA?» no topo do bolo horrível. Quando termino, olho para aquela monstruosidade como se tivesse conseguido cruzar um ser humano com um porco.



Em momentos sombrios de autoaversão, vejo os vídeos do YouTube que fiz quando era miúda. Não os consigo apagar. Não me lembro da palavra-passe da conta. Fiz milhares de vídeos entre os 10 e os 17 anos.

Na adolescência, costumava fazer vídeos de tutoriais de maquiagem e de sessões de compras. Por vezes, fazia vídeos artísticos. Filmei árvores a abanarem ao vento em tons sépia, água a escorrer num riacho a preto-e-branco, e um fósforo a acender-se.

Não me lembro de ter filmado nenhum dos vídeos artísticos. Não tenho qualquer recordação do que filmei quando era adolescente.

Quando era criança, fazia vídeos a falar. Não era uma oradora talentosa. Tocava demasiado no rosto, gaguejava e tinha dificuldade em formar palavras. No entanto, filmava-me a comentar de modo disparatado os desenhos animados de que gostava e os livros que lia. Filmava visitas guiadas instáveis pelo meu quarto amarelo. Tratava o YouTube como se fosse o meu diário ou um amigo.

Há um vídeo a passar na minha televisão enquanto me esforço por escolher o que vestir. Tenho as legendas ocultas ativadas. Experimentei todos os pares de calças que possuo. Agora estou parada, sem calças, em frente à televisão, a ver-me a mim própria, em criança, divagar sobre o *SpongeBob SquarePants*.

Já peguei em recém-nascidos antes e pensei, enquanto olhava para os seus olhos escuros e nublados: *Deve estar a esforçar-se por se ajustar ao seu fardo humano*. Ao pegar em bebés, tenho a sensação de que a força vital deles está aprisionada nos seus ineficazes corpos infantis e que grande parte de ser criança envolve lidar com a própria existência física até ter a destreza de abanar uma roca.

Observo o meu rosto rechonchudo de criança. Acho que me atrasei. Acho que demorei mais a saber lidar com o meu invólucro humano do que a maioria das pessoas. Movimentava-me desajeitadamente, como se fosse incapaz de ter boca sem lhe tocar ou dedos sem os meter na boca. A minha voz treme e eu murmuro. Observo-me, obcecada pelas calças do *SpongeBob* como se estivesse a ver-me a aprender a andar.

Pego no comando e percorro os vídeos do meu canal. Há dezenas de vídeos meus a falar da escola básica. Sofria de *bullying* e faço tiradas frequentes sobre isso. Tenho vídeos com o título:

«Confrontando os meus *bullies*. Isso mesmo, Chelsea, este é para ti.»

«Quando eu crescer e for famosa, direi a todos os entrevistadores que a Theodora me chamou fufa.»

«Dez razões pelas quais o Dimitri está errado sobre eu ser uma falhada.»

«Dez razões pelas quais o Dimitri é, na verdade, um falhado.»

Às vezes denuncio os vídeos, na esperança de que algum funcionário benevolente do YouTube os apague, mas na maioria das vezes limito-me a ficar a assistir como uma forma de automutilação. É como assistir a imagens pré-históricas da Terra. É esta estranha história de vida que parece quase falsa, apesar dos ossos de dinossauro que servem de prova.

«Hoje vamos aprender a criar um visual mais natural», digo à minha audiência.

Dito isto, abro uma paleta de maquilhagem predominantemente roxa.

«Podemos usar cores vivas e mesmo assim ficar com um ar natural», garanto aos meus espectadores, sem dúvida inquietos, enquanto aplico sombra escura diretamente abaixo da sobancelha.

«Só tem de se esfumar.»

As legendas geradas automaticamente interpretam mal o que eu disse. O texto diz: «Só tem de acabar.»

É bizarro ver-me em adolescente. Não me lembro de ter essa idade. Eu não gostava de ser adolescente. Não penso naquela época. Não encontro nenhum prazer nisso, e quando não se relembra as memórias, elas desaparecem. Além destes vídeos, essa etapa do meu desenvolvimento está quase em branco. Não consigo lembrar-me de nada. Gostava de não ter filmado isto. Gostava de não ter como me lembrar de mim mesma naquela época. Gostava que ver-me na adolescência exigisse que eu voasse a anos-luz de distância da Terra.

Continuo imóvel, de roupa interior, a olhar para mim na televisão, fazendo uma pausa de vez em quando para ouvir o meu apartamento silencioso. Tenho um pressentimento, a cada três vídeos, de que preciso de avaliar o que me rodeia. Sinto que alguém me está a observar.



Pouso o bolo na bancada de mármore da Gina. Mal os meus dedos soltam a travessa de vidro, sinto o mesmo tipo de alívio que um assassino deve sentir depois de enterrar um corpo com sucesso.

Para comemorar a libertação do bolo transfóbico, preparo uma *mimosa*. Há sumo de laranja, champanhe e morangos na bancada. Há também pequenas sanduíches sem còdea de pepino e uma tábua de enchidos com favos de mel, mirtilos e vários queijos.

Coloco dois morangos na minha *flute* e seguro uma sanduíche na boca para evitar ter de pegar num prato. Os pratos estão empilhados atrás de duas mulheres que não conheço. Estão a conversar e sinto-me desconfortável em interrompê-las para pedir que se afastem.

— Enid! — ouço a voz da Gina gritar.

A Gina era casada com o meu pai.

Ela corre até mim. Sinto as suas unhas de acrílico cravadas nos meus ombros enquanto me abraça.

— Como estás, querida?

Ela afasta-me as mãos do corpo para olhar para mim.

Tento responder, mas fico muda com a sanduíche na boca e ansiosa por ter os braços de novo junto ao corpo.

Ela sorri.

— Muito obrigada por teres vindo. Estamos tão entusiasmados por estares aqui!

A Gina odeia-me.



Encontrei fotografias da Gina nua no computador da minha família quando era pequena. Estavam guardadas numa pasta que tinha o nome de «Impostos». Eu devia estar interessada em contabilidade na altura. Em vez de encontrar recibos, vi a Gina em toda a sua glória.

Há algo de perturbador em ver inesperadamente uma mulher estranha nua, quando se é criança. Não sei se teria ficado menos perturbada com fotografias de cadáveres. Foi um incidente traumático na minha vida e, infelizmente, não estou a pôr-lhe panos quentes. Não são poucas as vezes em que desejo ter ficado traumatizada com qualquer coisa mais interessante do que o rabo da Gina.



— O Ted Bundy não era realmente giro — digo à multidão de mulheres sentadas comigo no sofá bege da Gina. — Isso é apenas uma ideia que nos impingem para tornar a história interessante. Olhem para ele.

Mostro-lhes uma fotografia feia dele no meu telemóvel. A todas.

— Este tipo tem todo o ar de espancar e violar uma mulher com uma haste de metal que arrancou da cabeceira da cama dela, não tem?

Há um silêncio palpável quando acabo de falar. O mutismo é tal que a princípio me pergunto se será por causa da minha surdez unilateral. Quando esfrego o meu ouvido mau, percebo que o silêncio não tem nada que ver com minha audição. A razão do silêncio é o facto de aquelas mulheres estarem estupidificadas com o que eu disse. Olho em redor do sofá para os seus rostos chocados e sem palavras.

A minha meia-irmã Edna está sentada ao meu lado. Parece especialmente chocada.

Não sei se há alguma coisa que eu possa fazer para apagar o facto de ter falado de uma mulher a ser violada com a cabeceira da cama. Talvez seja melhor eu afirmar que também acho isso horrível?

— É horrível o que ele fez — digo calmamente.

Elas agitam-se. Uma espectadora compadecida tenta lançar-me um bote salva-vidas.

— Percebes muito sobre homicídios, hã? — diz ela.

Mordo o interior das bochechas. Devo dizer que sim ou isso pioraria a situação?

Normalmente não me permito falar tanto perto da Gina, das minhas irmãs e das pessoas que as rodeiam. Costumo ficar calada. Uso a máscara de uma parente distante e bem-educada, uma jovem que cruza as pernas pelos tornozelos e se ri de piadas banais. No entanto, esta é uma personagem nova para mim. Ainda não a domino bem. Dominei as personagens:

Interesse amoroso temporário enigmático.

Funcionária confiável.

Filha prestativa da minha mãe.

Cliente inquestionável numa loja ou restaurante.

No passado, aprendi a interpretar uma *adolescente tímida*, *colega de quarto arrumada* e *estudante diligente*, por meio de tentativa e erro, mas esses papéis ficaram lá atrás, graças a Deus.

— Pesquisas assassinos e lêis sobre eles, ou o quê? Como é que sabes todos esses pormenores?

Olho para o meu copo. Algumas sementes de morango soltaram-se da fruta e estão a flutuar como pequenas moscas afogadas.

— Ouço principalmente *podcasts* de crimes reais. Mas sim, costumava assistir muito ao *Dateline* quando era criança.

— Ah, isso explica tudo — grita a Gina, do outro lado da sala. — Não devias assistir a esse tipo de coisa, querida! As minhas meninas viam desenhos animados quando eram pequenas!



Eu via o *Dateline* com a minha mãe. Associo isso às oito da noite, durante a semana. Lembro-me de sair do banho, com o cabelo molhado, de vestir um pijama lavado e cumprimentar a minha mãe no sofá. Ela levantava a ponta da manta de tricô cor de laranja que a cobria para eu me aninhar debaixo dela. Eu ficava sempre demasiado

tempo no banho. A água estava fria quando finalmente saía de lá. Sentia frio até me sentar debaixo da manta com ela, no ninho do calor do seu corpo. Tínhamos um candeeiro com um abajur de vitral amarelo que tornava o ambiente da sala quente. Ficávamos sentadas, juntas, naquela luz, a ouvir falar de assassinos em série enquanto a minha mãe tricotava.

A manta cor de laranja cheirava a relva, mesmo depois de lavada. Usávamo-la muito. Lembro-me de adormecer em cima dela no nosso quintal. Eu e a minha mãe deitávamo-nos nela no verão. Ela apanhava sol e lia romances. Eu deitava-me ao lado dela, com formigas e joaninhas nas palmas das mãos, a sentir o calor do sol na pele. Sentávamo-nos debaixo dela no inverno, no passeio, enquanto assistíamos ao desfile. Lembro-me de lá ter deixado resíduos pegajosos de guloseimas e recordo-me de a puxar até ao queixo no tempo frio. Levávamo-la quando íamos acampar. Deitávamo-nos debaixo dela à noite enquanto fazíamos teatrinhos de sombras na parede da nossa tenda com uma lanterna.

O meu pai saiu de casa quando eu tinha mais ou menos 6 anos. As minhas memórias dele são difusas. Não sei se são reais ou se as inventei. Acho que o vi pintar uma iúca uma vez. Mas talvez tenha sido um sonho. Recordo-me de eu e ele pintarmos no mesmo livro de colorir, mas é uma memória vaga. Podia ter sido outra pessoa.

Quando era pequena, gostava de fingir. Fingia que era um leão, uma órfã, um fantasma, que tinha sido criada por lobos, que era um rapaz, ou que tinha um pai. Vagueava pela casa, a fingir. Rastejava e rugia como um leão ou falava alto para o meu pai imaginário.

À medida que fui crescendo, os jogos de imaginação transformaram-se em devaneios. Inventava interações entre mim e o meu pai, bem como com outras pessoas. Fazia isso com tanta frequência que agora é difícil distinguir entre memórias reais e memórias de cenários que inventei. Tudo se fundiu.

TODOS SOMOS MAIS DO QUE OS NOSSOS MEDOS E ERROS.

Enid é obcecada pelo espaço. É capaz de dizer o que aconteceria a uma pessoa se caísse num buraco negro e sabe que o pôr do sol em Marte é azul. Gosta de partilhar este tipo de curiosidades com a mãe quando se sente mais ansiosa, o que é cada vez mais frequente, em grande parte devido a uma estranha fobia a que não consegue esquivar-se. Adora ouvir *podcasts* sobre crimes reais, que lhe permitem distrair-se do mundo à sua volta, e andar a navegar por aplicações de encontrô, em busca de companhia, ao mesmo tempo que tenta estabelecer uma relação com as meias-irmãs que mal conhece, depois da morte do pai ausente.

Quando, inadvertidamente, se vê envolvida na sua primeira relação romântica séria, Enid começa a acreditar que alguém anda a persegui-la. À medida que as suas obsessões começam a dominar-lhe a vida e que a paranoia foge ao seu controlo, ela terá de enfrentar a sua crescente suspeita de que há algo de verdadeiramente errado consigo.

Carregado de um humor peculiar, empatia e encanto, *Factos Curiosos Acerca do Espaço* mostra-nos que os nossos segredos envergonhados podem ser o nosso lado mais maravilhosamente humano.

«A aventura na mente de Enid é fascinante, divertida e profunda. Os leitores vão ficar encantados com esta protagonista incomum e adorável.»

Publishers Weekly

NÃO PERCA,
DA MESMA AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877292



9 789897 877292 >